POR ROGERIO BILA

HELGA E HELMUT

PREFÁCIO

Esta nova obra de ficção, trata de uma história de amor improvável para a época, o cenário é a Alemanha dos anos 30 e 40.

Dois jovens de mundos distantes se conhecem, uma jovem judia e um garoto que um dia se tornará soldado do exército de Hitler.

Helga e Helmut irão enfrentar tudo e todos para viverem essa história de amor, que nem mesmo o poderoso regime de Adolf Hitler poderá deter.

O sofrimento, as dificuldades e os percalços de dois jovens em nome de um amor impossível para o momento.

Espero que gostem e uma ótima leitura a todos.

HELGA E HELMUT

SUMÁRIO:

1. **A primeira vista.....09**
2. **O alistamento.....31**
3. **Separados.....42**
4. **O trem.....56**
5. **A fuga.....82**
6. **Escondidos.....97**
7. **O fim do paraíso.....108**
8. **Novamente em fuga.....117**
9. **Capturados.....132**
10. **Juntos para sempre.....149**

Introdução

Um amor praticamente impossível para a época, Helga uma jovem judia e Helmut um soldado do exército alemão, farão de tudo para ficarem juntos em nome desse amor.

Uma história emocionante que vai ter de resistir as atrocidades desse duro regime nazista, principalmente no que diz respeito ao tratamento para com os judeus.

1. A primeira vista

_ Aqueles momentos em que a vida passa diante de nossos olhos? Esse é um meu amor! Lembro como se fosse hoje, o dia em que te conheci!

Alemanha, trinta de janeiro, o ano é 1933.

Adolf Hitler assume o posto de chanceler alemão, disposto a colocar em prática as ideias do **Terceiro Reich** (período que iria durar 1000 anos) alemão e também o seu ódio aos judeus, esplanadas em seu livro, **Mein Kampf**, escrito enquanto esteve preso.

O povo alemão vê a esperança de novos tempos para uma Alemanha que ainda sofre com os estragos e as duras condições do Tratado de Versalhes ao fim da Primeira Guerra.

Um período de muito frio na Alemanha e na cidade de Colônia não é diferente, o frio castiga a todos, inclusive a jovem judia, Helga de apenas dezesseis anos.

Helga sai da escola e vai para sua casa bem simples, muito pequena, um quarto ao qual

dividia com o pai, somente uma fina cortina escura os separava, uma cozinha com espaço para a mesa onde fazia a refeição, pia para lavar a louça, um armário sem portas, onde colocavam a pouca comida e um banheiro, onde havia um fétido buraco em que fazia suas necessidades fisiológicas. Segue para o quarto, deixa o seu material escolar sobre a cama, arruma o cabelo e coloca mais um casaco para suportar o frio, para ir a fábrica têxtil em que seu pai trabalha.

Ao sair de casa, percebe uma movimentação não muito distante dali, um velho caminhão descarregava alguns objetos na velha casa da esquina, que há muito tempo está desabitada.

Helga retira alguns fios de cabelo da frente de seus olhos verdes, continua observando, se esquecendo de sua obrigação.

_ Quem será que está se mudando para essa casa? Faz tempo que não vejo ninguém ai.

Passa-se poucos segundos e um jovem de alta estatura, cabelos loiros, pele alva e profundos olhos azuis aparece de trás do caminhão carregando uma caixa, deixando Helga que nunca olhara para garoto algum, mesmo sendo muito paquerada na escola, extremamente encantada.

_ Que menino lindo! – Diz com os olhos brilhando.

Ao invés de seguir seu caminho fica aguardando para poder vê-lo mais uma vez, então quando ele aparece, alguma força que não entendia, talvez o magnetismo de Helga, o faz olhar e o mesmo encantamento o atinge, não consegue retirar seus olhos da linda moça de pele alva como a sua e um pouco mais baixa.

Ambos caminham um na direção do outro, como se estivessem sendo puxados por uma corda invisível, até que uma voz grossa faz com que parem.

_ Helmut! Continue me ajudando com isso. Agora! – Grita o homem muito parecido com ele, apenas uma versão mais velha.

_ Sim, pai! – Responde assustado.

Helmut volta correndo para o caminhão, Helga também acorda de seu transe e se lembra de sua obrigação, corre o mais rápido que pode, para que assim não se atrase, mas antes dá uma última olhada na direção do caminhão e não o vê. Helmut assim que pega mais uma caixa, olha na direção onde vira Helga e se entristece ao não vê-la, porém não tinha muito tempo de se lamentar, seu pai grita mais uma vez para que agilizasse, ainda tinham muito o que fazer.

_ Não enrole menino. De tantas boas vilas aqui em Colônia, tínhamos de vir justo para

esse buraco maldito. – Diz o homem sem se preocupar se alguém o ouvia.

_ Não é tão ruim assim, senhor. – Diz Helmut pensando no semblante de Helga.

Sem falarem mais nada, pai e filho retornam ao trabalho de mudança, para uma casa tão simples quanto a de Helga, porém com um quarto a mais e com muita limpeza a ser feita, devido ao tempo de abandono.

Weber, pai de Helmut, é um oficial do exército aposentado que lutou na Primeira Guerra Mundial, tinha a função de mensageiro e por muito pouco não morreu devido a inalação de gás mostarda, que atingiu uma das fronteiras pelo qual passou, ficou uns dois meses afastado de suas funções, período em que conheceu sua esposa, que logo ficou gravida, assim que se recuperou, voltou ao trabalho, mas por pouco tempo, logo a guerra acabou e não demorou muito para que ficasse sem função. A mãe de Helmut, morrera há cerca de dois anos, acometida por uma tuberculose.

Na fábrica, o dono da empresa faz um único gesto para Helga, lhe mostrando o relógio e indicando o seu atraso, sem demora, a moça pega um jarro de com água e começa a levar para os funcionários, que estavam mortos de

sede, porque após o almoço, o dono proibia que parassem para até para beber água, assim Helga fazia essa função, deste modo permaneciam em seus postos, não deixando parar a produção, com os trocados que ganhava, Helga ajudava em casa e comprava seu material escolar.

Assim que terminou sua função, Helga foi para próximo de seu pai, homem de aparência sofrida, barba longa, mal cuidada, cabelos castanhos e extremamente magro, muito pela fome que passam as vezes.

_ Pai! Posso ir mais cedo?

_ Não vai me esperar hoje?

_ Estou um pouco cansada e tenho coisas da escola para fazer.

_ Sendo assim, vá. Até melhor, porque esses homens não ficam lhe olhando, só aceitei isso porque precisamos muito, do contrário, jamais. – Diz Kruger sem tirar os olhos da máquina que manuseava.

_ Estou indo. – Diz Helga ao beijar as mãos do pai.

Helga sai da fábrica o mais rápido que podia, tentando não chamar a atenção de ninguém, tudo porque queria ver o lindo rapaz que a encantou.

Minutos depois ao chegar à rua de sua casa, vem a primeira tristeza, o caminhão não estava

mais lá, o sorriso lhe foi embora, aguarda ali por alguns minutos, exatamente onde estava o veículo, então vem a segunda tristeza do dia, nada do lindo garoto aparecer, tremendo com o frio, resolve ir para casa com a intenção de se proteger do frio e com a esperança de vê-lo em breve.

_ Que frio horrível! – Diz já sentada em sua cama.

Depois de sentir-se melhor, Helga vai até a pequena janela de dá visão para a rua e começa a olhar, torcendo para que Helmut apareça por alguns segundos ao menos.

_ Como será que se chama? Deve ser um nome tão lindo como você. – Diz ao pôr a mão no queixo e suspirar.

Na casa de Helmut, minutos antes.

Helmut está ajudando o pai a colocar os poucos móveis no devido lugar, esvaziar algumas caixas, mas os seus pensamentos estavam em Helga, mal se concentrava nas suas atividades.

_ Acorda menino! – Grita Weber.

_ Desculpe meu pai! Estou um pouco cansado.

_ Cansado! Com apenas isso? Não pode ser fraco assim, ou nunca aguentará o ritmo do exército.

_ Eu sei! O senhor já me disse que o ritmo dos treinos é bastante exaustivo.

_ Sim. Somente homens fortes e decididos, sobrevivem.

_ Sim, senhor! – Quase bate continência.

_ Vou ao banheiro, aproveite e descanse enquanto estou lá.

Helmut aproveita a ausência do pai e resolve ir para fora, com a esperança de avistar a jovem que lhe conquistou apenas com um olhar.

Do lado de fora as pessoas passavam, de vez em quando uma ou outra lhe olhava, acenava com a cabeça, mas nenhuma delas era Helga.

_ Onde você está linda jovem? Será que era um anjo? Um lindo sonho? – E dá uma leve suspirada.

Da janela de sua casa, Helga não acredita no que vê, seu coração acelera, seus olhos brilham, o rapaz estava na rua e parecia procurar por alguém.

_ Será que está me procurando? – Diz ao abrir a porta e seguir em sua direção.

Helmut a vê vindo em sua direção, então seu coração começa a bater mais forte, sente um calafrio lhe dominar o corpo, por isso fica petrificado, não consegue se mexer de forma alguma.

Helga se aproxima, fica a cerca de pouco mais de um metro de Helmut, tenta falar, mas a voz não sai, seus lábios se mexem, porém o som não é emitido, Helmut para quebrar o gelo, além do frio que já estava, resolve falar.

_ Oi!

_ Oi! Sou Helga! E você? – Dessa vez a voz sai e fala até rápido demais.

Antes que Helmut pudesse responder, um grito vindo de dentro de sua casa responde, seu pai gritava por seu nome.

_ Helmut! Como acaba de ouvir. – Diz sorrindo e a deixando ainda mais encantada com o lindo sorriso.

_ Outra hora falamos mais. Espero que não esqueça o meu nome. Agora vá, preciso ir também.

_ Está bem. Nunca esquecerei seu nome, Helga.

Vem o segundo grito e Helmut corre para dentro de casa, antes que seu pai saísse e falasse alguma grosseria a Helga.

Helga também volta para casa, precisava cozinhar batatas para o jantar, continuar pensando em Helmut e como seria o próximo encontro.

Em casa descasca as batatas que tinha, as pica em cubos, acende o seu fogo com a pouca lenha que possuía, coloca as batatas numa

panela com água e depois sobre o fogo para cozinhar.

Helga senta-se na cadeira, fica observando sua panela, enquanto pensava em Helmut, por pouco a água não seca e perde as batatas, em seguida coloca tudo em uma tigela, salpica sal e deixa sobre a mesa, no mesmo instante seu pai chega.

_ Que maravilha minha filha! Parece que adivinhou que estou faminto.

Kruger lava as mãos em uma tina que estava sobre a pia, em seguida senta-se a mesa, estende suas mãos a filha, que dá as mãos ao pai, depois agradecem a Deus pelo alimento que ofertava a ambos, em seguida abastecem os pratos e comem tudo, cheios de apetite.

Ao final, mais uma vez ambos se dão as mãos, pronunciam uma frase judia para agradecerem ao alimento.

_ Brachót Acharonót! – Falam juntos.

Em seguida Helga lava a louça do jantar e Kruger foi tomar o seu banho, em pouco mais de meia hora, ambos estavam prontos para dormir.

_ Não esqueça de recitar o Shemá **(texto que deve ser recitado duas vezes ao dia, antes de dormir e ao acordar, que ajuda a trazer bons pensamentos durante o sono e ao acordar)** antes de dormir minha filha.